

Viajar será novamente um luxo

O turismo depois da crise do coronavírus

Um comentário de Antje Blinda

É verdade que o coronavírus irá tornar as viagens mais caras, mas também mais ecológicas: muito em breve, deixarão de existir voos *low cost* a preços de saldo.

23.04.2020, 06h33m



Hoje em dia, uma imagem rara: um avião a cruzar o céu
SergeyVButorin/ iStockphoto/ Getty Images

Os bilhetes de avião poderão vir a custar mais, os hotéis poderão aumentar os preços — quando pudermos viajar de novo, prevê-se que seja mais caro. E não porque os políticos e as empresas venham, por fim, a ter a coragem de exigir medidas suplementares no sentido de uma gestão mais ecológica e sustentável. Não por se terem, por fim, retirado as consequências do debate dos últimos meses sobre o clima. Mas sim porque o risco de contágio com o coronavírus veio reduzir a oferta de lugares: manter a distância sai caro.

Muitas pessoas em pouco espaço, isso já é barato. Ou seja, pouco espaço para as pernas e os cotovelos dentro de um avião. Bufetes e muitas espreguiçadeiras junto à piscina em estâncias com tudo incluído. Milhares de passageiros dentro de um navio. Muito espaço e muitos lugares são, por isso, caros e um luxo. Bem como camas rebatíveis em primeira classe. Grandes suítes de hotel e jantares privados. O quarto privativo num navio de expedição.

Deste modo, viajar torna-se de novo um luxo: filas de lugares vazios como profilaxia anti-contágio nos aviões e comboios significam menos bilhetes vendidos — e, desde logo, uma perda que tem de ser compensada com um novo encarecimento dos lugares. Caso se implemente a regulamentação que poderá vir a ser decretada no sentido de uma «descompactação», a Associação Internacional de Transportes Aéreos (IATA) pressupõe que o número de passageiros diminuirá um terço e que os preços dos bilhetes

poderão aumentar para o dobro. Em última análise, tudo isto acabará por ser determinado pela oferta e a procura, diz o presidente da IATA, Alexandre de Juniac.

No futuro, viajar voltará a ter mais valor

Por mais triste que nos possa parecer, o luxo pode ser mais sustentável, ou pelo menos mais amigo do ambiente — e agora também mais compatível com a pandemia. Não é por acaso que muitos países já estão a apostar nas viagens para os mais abastados. A Nova Zelândia, por exemplo; o Butão já há muito ou o Botsuana e a Tanzânia. Os viajantes de mochila às costas são cada vez menos desejados, as ofertas de viagens de luxo são bem-vindas. Na melhor das hipóteses, quanto mais dinheiro ficar no país e nos nativos, mais ecológica poderá ser a construção e a gestão.

Por conseguinte, viajar terá novamente mais valor. Pelo menos enquanto houver possibilidade de disseminação do coronavírus. Pondera-se ainda se as viagens a cidades ou as férias no campo ainda se manterão: se calhar, em vez de três viagens, será possível apenas uma.

Quem fica a ver navios são as pessoas que, de futuro, não terão dinheiro para fazer uma viagem que seja. Aqueles que passam as férias nas praias de Maiorca ou Ibiza, em estâncias da Turquia ou da Bulgária. Também estas viagens serão mais caras e, para muitos — porque se calhar acabaram de estar em regime de *layoff* ou porque terão mesmo perdido o emprego —, terão um preço proibitivo. Todavia, também será possível organizar férias de forma mais económica e com qualidade com menos dinheiro; mas a verdade é que, para muitos, caminhar e andar de bicicleta, alojamento em albergues da juventude ou em tendas não é opção.

As férias estavam a tornar-se cada vez mais baratas

Ou seja, agora passaremos a gastar mais dinheiro em troca do mesmo. O voo para Malle já não custará 20 euros. Possivelmente também o aparthotel das férias em Antália já não será 199 euros por semana. E também os cruzeiros — se continuarem a existir — custarão mais do que apenas poucas centenas de euros.

Por um lado, os preços sobem, já que as capacidades diminuem: condicionados pelas potenciais restrições de distanciamento em hotéis e meios de transporte, mas também por um crescimento potencialmente mais lento das empresas devido à crise, como teme a associação de companhias aéreas IATA. Por outro lado, as perdas sofridas neste ano serão demasiado elevadas para se poder angariar clientes mediante a aplicação de preços de saldo.

Até agora, os aumentos de preços necessários para, por exemplo, garantir a utilização de combustível mais ecológico, salários mais justos ou alimentos mais sustentáveis eram impensáveis para maioria das companhias de navegação e dos operadores. «Incompreensível para o cliente», era o argumento reiterado. Simultaneamente, as férias foram ficando sempre comparativamente mais baratas, o *overtourism*, entre outros, tornou-se assim num problema.

Agora veio o vírus Sars-CoV-2 e viajar torna-se (novamente) mais caro e mais valioso. E, uma vez mais, poder-se-á reabrir o fosso que divide aqueles que ainda têm condições para viajar e aqueles cujo rendimento não é suficiente para tal. Contudo, talvez o vírus também consiga algo que a política não conseguiu até agora: mais protecção do clima através de menos voos — e não apenas na meia dúzia de semanas de confinamento mundial, mas sim também a longo prazo.

Artigo original: https://www.spiegel.de/reise/corona-krise-und-tourismus-reisen-wird-wieder-luxus-a-96095ff3-21e1-4414-a763-2bdac51fd153?sara_ecid=nl_upd_1jtzCCTmXpVo9GAZr2b4X8GqyeAc9&nlid=v2vo4qfr

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes